

Mediação oral da Informação e da Leitura: no sofá da sala com três Paulos

Oral Mediation of Information and Reading: on the sofa in the living room with three Paulos

Sueli Bortolin   

João Arlindo dos Santos Neto   

Resumo

Aproximar a Biblioteconomia das discussões que envolvam a mediação oral em diferentes ambientes, contribui para que as práticas dos bibliotecários sejam aprimoradas e, possivelmente, venham repercutir na construção de acervos plurais nos diferentes gêneros de unidades de informação. Além disso, poderá também alertar os mediadores quanto a sua responsabilidade social. Há, nos últimos anos, por parte do Grupo de Pesquisa *Interfaces: Informação e Conhecimento* um empenho constante em defender que os documentos escritos, sejam eles impressos ou digitais não devem ser a única forma de apropriação da informação, leitura e literatura. Nesse artigo, por meio de contributos de três Paulos, sendo eles: Otlet (1934, 2018), Freire (1983, 1987) e Zumthor (1997, 2001, 2005), colocou-se em evidência a oralidade como forma de apropriação da informação por todos os cidadãos, podendo ser exercida pelo mediador e também pelo mediando na relação dialógica. Como procedimento metodológico utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Conclui-se que a informação comunicada por meio da voz, torna a mediação um ato democrático e acolhedor pelos sujeitos não alfabetizados, pessoas com alguma deficiência ou ainda pela apazibilabilidade de ler pelos ouvidos.

Palavras-chave: Oralidade; Mediação oral; Bibliotecário-mediador.

Abstract

Bringing Librarianship closer to discussions that involve oral mediation in different environments contributes to the improvement of librarians' practices and, possibly, will have repercussions on the construction of plural collections in different genres of information units. In addition, it may also alert mediators about their social responsibility. In recent years, on the part of the Research Group *Interfaces: Information and Knowledge*, there has been a constant effort to defend that written documents, whether printed or digital, should not be the only form of appropriation of information, reading and literature. In this article, through the contributions of three Paulos, namely: Otlet (1934, 2018), Freire (1983, 1987) and Zumthor (1997, 2001, 2005), orality was highlighted as a form of appropriation of information by all citizens, and can be exercised by the mediator and also by the mediator in the dialogical relationship. As a methodological procedure, bibliographic research and documentary research were used. It is concluded that the information communicated through the voice makes mediation a democratic and welcoming act for non-literate subjects, people with a disability or even for the pleasure of reading through the ears.

Keywords: Orality; Oral mediation; Librarian-mediator.



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 9, n. 1, p. 259-278, jan./abr. 2023. ISSN 2447-0120. DOI [10.56837/fr.2023.v9.n1.967](https://doi.org/10.56837/fr.2023.v9.n1.967).

1 Introdução

A predominância de práticas mediativas das bibliotecas, em geral, tem como foco os documentos escritos. Isso, porém, sempre nos pareceu uma postura desleal com uma significativa parcela da população brasileira. Desleal, pois marginaliza um segmento, que segundo a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) também tem o direito de acesso à informação e a cultura. Nesse sentido, essa comunicação tem início com os seguintes questionamentos: Quais são os prejuízos quando se privilegia alguns leitores em detrimento de outros? Como tornar os ambientes de informação realmente democráticos? Como incluir cidadãos que não dominam, por opção ou por falta de opção, a leitura de documentos gerados apenas de maneira escrita?

No Brasil existe um percentual elevado de analfabetos ou semiletrados. Há pessoas com diferentes níveis de cegueira, sujeitos com paraplegias com imobilidade nas mãos para virar ou rolar uma página impressa ou digital. Muitas pessoas se encontram acamadas. Temos estratos da população cuja comunicação humana ainda ocorre prioritariamente por meio da oralidade, por exemplo, os povos originários que proferem suas culturas 'de boca para o ouvido' e, cujos costumes precisam ser respeitados, pois são pessoas que se informam por meio de fontes orais. Há também os leitores que preferem ler apenas *audiobooks* e fazem isso, em especial, pela facilidade de portabilidade ou realizando tarefas simultaneamente.

Nesse contexto tão diverso do nosso País é necessário que as pessoas bibliotecárias (foco desse trabalho) se atentem para formar acervos plurais, pois sem dúvida nos seus fazeres cotidianos os documentos portadores de oralidade recebem menor atenção do que os documentos escritos, sejam eles impressos ou digitais. No sentido oposto, defendemos a necessidade de se intensificar as mediações articuladas de forma oral que visem atender o maior número possível de cidadãos, tornando suas práticas mais éticas, solidárias e empáticas.

A pandemia da COVID-19, desde 2020 tem demonstrado que as narrativas orais são imprescindíveis e que também levam a apropriação da informação, da cultura, da literatura, da arte, da política, de conteúdos religiosos, científicos entre outros. Observamos que, no período de distanciamento social, as diferentes redes e mídias sociais digitais, além de informar, permitir negócios, favorecer a telemedicina, colocar em destaque a artes em suas diferentes linguagens, aproximou pessoas e as acolheu em períodos de angústia e aflição.

O Grupo de Pesquisa 'Interfaces: Informação e Conhecimento'¹ desde 2018 desenvolve o Projeto de Pesquisa intitulado 'Mediação oral da informação e da literatura em ambiente digital' e nele discutimos, entre outras questões: vários gêneros de mediação, fontes orais, oralisfera, comunicação oral, mediações orais da informação, da leitura e da literatura, narrativas midiáticas, o *podcast* etc. Ainda são muitos desafios e caminhos a trilhar, mas a sensação até o momento é que o tratamento e a mediação, por parte dos profissionais da Ciência da Informação (CI) ainda é, em sua maioria, a informação registrada e escrita.

Em oposição a esse paradigma o objetivo desse trabalho é evidenciar a imprescindibilidade do uso da voz humana em diferentes mediações, a partir de 'três Paulos' – conforme o título desse artigo –, à saber: Paul Otlet, Paul Zumthor e Paulo Freire. Realizamos um diálogo entre estes autores que viveram em um período semelhante,² no entanto, têm como local de nascimento países diferentes (Bélgica, Suíça e Brasil), têm formação diversificada (Direito, Letras e Filosofia), mas suas abordagens teóricas são congruentes; isso nos permitiu colocá-los em uma conversa proveitosa em diferentes momentos de nossas pesquisas.

Essa comunicação é uma tentativa de síntese de alguns anos de discussão em torno de possíveis mediações tendo a oralidade com foco. Dessa forma, optamos pela pesquisa bibliográfica que segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 183), "[...] não é uma mera repetição do que foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem [...]"; nesse caso, teve com fundamento teóricos que valorizam a oralidade e as fontes orais. No entanto, a pesquisa também é documental, pois se apoia em diversos documentos impessos e digitais, tais como: relatórios, planilhas de gestão, recortes de jornais com entrevistas, colunas em site, anotações de reuniões e comunicação por meio de lives.

Para tanto, a estrutura desse artigo é composta das seguintes seções: iniciamos com essa Introdução que é sucedida da seção dois quando trazemos: 'Os contributos de três Paulos para os Estudos da Oralidade'. Na seção três

¹ Este Grupo foi criado em 1998, pelos professores: Marta Ligia Pomim Valentim e Oswaldo Francisco de Almeida Júnior e, posteriormente, coordenado por Sueli Bortolin e João Arlindo dos Santos Neto. Desde 2011 até os dias atuais foram gestados os seguintes projetos: "A oralidade na mediação da informação, da literatura e da memória" (2011-2014); "Ética, Mediação e apropriação na Ciência da Informação" (2014-2017). e "Mediação oral da informação e da literatura em ambiente digital" (2018-2022).

² Paul Otlet (1868-1944), Paul Zumthor (1915-1995) e Paulo Freire (1921-1997).

incluímos algumas reflexões a respeito da Oralidade e da Oralidade e na seção quatro apresentamos a composição deste grupo e as principais produções científicas dos cinco últimos anos.

2 Os Contributos de Três Paulos para os Estudos da Oralidade

Defendemos que a linguagem falada é mais democrática do que a linguagem escrita, sendo usada pela maioria dos sujeitos incluindo os analfabetos, afinal 'não há analfabetismo oral'. Essa afirmação se aproxima das discussões realizadas em nosso Projeto e vale destacar que, apesar de alguns pesquisadores atribuírem essa ideia à Paulo Freire, há em sua obra 'Educação como prática da liberdade' a seguinte nota de rodapé: "[...] disse-nos certa vez, lucidamente, o Sr. Gilson Amado, ao entrevistar-nos em seu Programa de TV – '[...] não há analfabetismo oral'"]³ (FREIRE, 1983, p.118). Desse trecho, deduzimos que essa expressão não é de Paulo Freire, porém acreditamos que no mínimo tem origem em suas provocações, pois coaduna com a sua maneira de pensar e agir. Isso tem muita conexão com suas reflexões a respeito do aprender e o ensinar por meio da oralidade, do respeito com a leitura de mundo do aprendiz e o respeito à sua 'bagagem cultural'.

A teoria freireana é dialógica e é por meio dessas trocas que as pessoas tomam consciência de si e do mundo; dividem informação, dores e sonhos e juntas transformam seu cotidiano. Acreditamos que os iletrados também são capazes, do seu jeito, de ler e escrever suas vidas, mas quando existem empecilhos, estes atrapalham a compreensão cognitiva dos aprendentes e a apropriação da informação.

Em nossas pesquisas utilizamos estes conceitos humanísticos com a intenção de subsidiar as discussões no âmbito da CI, mas especificamente da chamada Biblioteconomia Social. Para ampliar as reflexões dessa temática nos apropriamos do pensar de outro Paulo, o Otlet quando alertava na década de 1930, que a informação estava contida em suportes além do livro impresso, isto é, existiam outras fontes sendo elas: o disco, o livro sonoro, os filmes, o rádio, a televisão e o teatro (OTLET, 1934, tradução nossa).

Apesar de Otlet (1934) ter proferido essa defesa em tempos longínquos, percebemos que ainda há resistência quanto a valoração da oralidade nas fontes

³Gilson Amado foi um educador visionário preocupado com a educação brasileira, se empenhou para acabar com analfabetismo, por meio do ensino a distância televisivo (BARRETO; THOMAZ, 2012).

documentais e isso resulta na baixa articulação de estudos da CI sobre essa temática. Prosseguindo com conceitos proferidos por Paul Otlet, Rabello (2009, p. 176) “[...] entendeu que todos os objetos produzidos pelo homem podem vir a se tornar documento”. O pesquisador supracitado destaca também que para Otlet “[...] o livro/documento era todo objeto produzido (objetivado) pelo homem que cumpria uma função informativa, sendo considerado os conteúdos documentais expressos em diferentes suportes e formatos (fotografia, mapas, etc.)” (RABELLO, 2009, p.279).

Discursos como esse nos aproxima de outro Paulo que, apesar de não ser bibliotecário, influencia as pesquisas na perspectiva da oralidade. Trata-se de Paul Zumthor, para ele: “[...] é inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe os traços que contrastam com a escritura. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna” (ZUMTHOR, 1997, p.27).

Acreditamos que quando se trata da composição social desigual que deixa comunidades à deriva em um mar revolto, não há lacunas e sim ausência de oportunidades, dificuldade de acesso, modos de leitura e culturas diversificadas. Assim, cabe a pessoa bibliotecária, que é (ou deveria ser) um mediador consciente, elaborar projetos que consigam levar o cidadão a superar barreiras sociais, educativas e informacionais; tornando seu ato respeitoso e solidário.

A proposta de ações respeitosas nos remete a um ato de alteridade citado por McLuhan (1969, p. 96) em seu livro ‘Os meios de comunicação: como extensões do homem’ quando narra o seguinte acontecimento:

Um nativo - o único alfabetizado de seu grupo – falando da sua função de leitor de cartas para os outros, disse que se sentia impelido a tapar os ouvidos com os dedos, durante a leitura, para não violar a intimidade das cartas.

Há nessa mediação uma entrega admirável do mediador oral. A escolha por tapar os ouvidos e preservar a ‘intimidade das cartas’ diante dos ouvintes é nobre e ‘quase’ faz, mesmo que momentaneamente, os que o ouvem a acreditarem em um clima de ‘quase’ segredo.

Após essa análise subjetiva, destacamos que os argumentos trazidos para esse artigo não têm a intenção de desvalorizar um texto impresso em detrimento do texto oral, pois acreditamos que tanto o escrito, quanto o oral são portadores de informação, cultura e literatura, mas a experiência narrada, nos faz refletir sobre

o fazer da pessoa bibliotecária. Assim, esta necessita colocar também em sua agenda de trabalho os analfabetos, que em sua maioria, estão apartados da biblioteca; mas que possivelmente ao serem acolhidos poderão se apropriar do que nela existe e lhe fornece acesso.

Essa postura tende a solucionar o que Zumthor (2001, p.110) denuncia: “A escritura constitui uma ordem particular da realidade; exige a intervenção de intérpretes [...] autorizados”. Em outras palavras coloca os analfabetos em uma condição de dependência do alfabetizado e rouba algo que é imprescindível aos sujeitos que é sua autonomia. Freire (1987, p. 79) ao abordar ‘a libertação dos homens’ evidencia o diálogo como:

[...] o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.

É perceptível na teoria freireana que é recorrente o conceito ‘dizer o mundo’, portanto, para aqueles que não dominam o código escrito, os atos de falar-ouvir e ouvir-falar se torna uma questão de sobrevivência.

Voltando aos estudos de Zumthor (2005, p.53) é possível perceber que ele colabora com as nossas investigações quando afirma que “A voz é nômade, enquanto a escrita é fixa [...]”. O texto escrito está estagnado em uma página física ou digital e tem sua formalidade. Apesar de ser defendido como mais importante pela sua possibilidade comprobatória, em geral, retrai a espontaneidade e naturalidade de uma comunicação oral. A voz humana é usada nos depoimentos policiais, audiências públicas, julgamentos e até em casamentos, quando no ritual de várias religiões ele só se concretiza após o sim oralizados pelo casal. Na relação comercial ainda há os portadores de voz que são os pregoeiros e leiloeiros que vendem diferentes produtos, desde joias até bovinos de raça, isso num tom de voz convincente. Até pouco tempo o ruído no ambiente das bolsas de valores era ensurdecedor, era um coletivo de vozes que podem ser consideradas uma espécie de ‘fetiche’ nas disputas financeiras. Uma prática social que podemos citar são os bingos beneficentes onde a oralidade propicia a emoção e a diversão. No Brasil tradicionalmente o resultado da avaliação carnavalesca das escolas de samba é apresentado publicamente por meio da oralidade com uma toada repleta de expectativas e com inúmeros espectadores.

O poder vocal também foi destacado por Otlet (2018, p. 243) que faz referência ao 'homem-jornal' quando narra que ele: "[...] ia de fazenda em fazenda diariamente e contava em voz alta as últimas notícias do mundo inteiro. Otlet (2018, p. 243) continua sua referência ao homem-jornal: "Ao chegar a cada local, reunia os moradores fazendo soar uma sineta. Não recebia pagamento, mas seus ouvintes declaravam um reconhecimento proporcional ao interesse das notícias que ele trazia".

Todas as civilizações, todas as literaturas conheceram, primeiramente, uma força oral. Foi através da voz humana que todas as velhas tradições e a música e a poesia, todas as manifestações intelectuais das raças, foram transmitidas de geração em geração. Cantos de Homero, lendas escandinavas, folclore local, lendas terríveis, canções históricas e lamentos. **A escrita, em primeiro lugar, depois a impressão, relegaram a audição oral do pensamento a um campo mais estreito** (OTLET, 2018, p.363, grifo nosso).

Apesar da escrita ter colocado a 'audição oral do pensamento a um campo mais estreito', podemos afirmar que na atualidade, de maneira acelerada, ocorre o retorno quanto ao uso da oralidade e essa função de anunciar acontecimentos que realizada pelo 'homem-jornal' continua sendo executada por diferentes profissionais, entre eles: o jornalista e o *influencer*, com acesso facilitado pelos dispositivos móveis e a pluralização das mídias digitais.

Otlet (2018, p. 131) explicava que:

Na frase falada, sobretudo na frase oratória, existe uma facilidade de compreensão que procede do tom. Não há nada que a altura da entonação já não anuncie a importância relativa das diversas partes da frase. Isso não acontece na frase escrita onde tudo parece *recto tono*⁴.

Facilmente constatamos que no carro, no metrô, no trem, no avião, enfim no deslocamento, as pessoas têm a transmissão oral como fonte de informação e atualização, por meio dos dispositivos móveis que conectam emissoras de rádio, televisão, *streaming*, *podcasts* e demais canais existentes na web. Diferentemente do que previam alguns teóricos o rádio, a TV e outros meios de difusão informacional não foram substituídos e sim, os conteúdos são hoje transmitidos por meio de aparelhos de comunicação com melhor frequência de ondas, velocidade e alcance territorial.

⁴ Há na obra a seguinte nota explicativa: "Expressão latina que indica no canto litúrgico o tom recitativo."

Não importa com qual objetivo, em que momento e com que recurso, importa que as pessoas estão envoltas diariamente por manifestações orais. A oralidade permeia, com muita intensidade o cotidiano, seja ele familiar, escolar, profissional, religioso; nos momentos de diversão, de atendimento à saúde; além de encurtar as barreiras e distanciamento nas relações sociais. No entanto, há de ser criada uma ambiência para isso, tema que é tratado na próxima seção.

3 Oralidade e Oralisfera

A oralidade foi a temática basilar de três Projetos de Pesquisa desenvolvidos no Grupo de Pesquisa 'Interfaces: Informação e Conhecimento', em outras palavras, vários projetos executados em seu âmbito tiveram como foco prioritário o uso da linguagem oral, linguagem esta que se efetiva por meio dos aparatos corporais humanos que funcionam da seguinte maneira:

[...] a laringe, onde se criam os sons, em conjunto com o aparelho respiratório, que fornece o alento necessário a produção e a propagação desses sons, e com as cavidades de ressonância (a faringe, a boca e o nariz), que são cavidades do aparelho fonador que vibram sob o efeito conjugado do sopro e dos sons (DOLZ; SCHNEUWLY, 2010, p.127-128).

Essa estrutura biológica permite que as pessoas, excetuando aquelas que têm algum comprometimento vocal, se comuniquem com naturalidade, um exemplo é a aprendizagem da língua materna que é socialmente construída desde a tenra idade. Em outras palavras, a comunicação oral ocorre nas relações que, em geral, se inicia na família, e, posteriormente se expande no convívio com inúmeros sujeitos sociais com quem a criança se relaciona ao frequentar diferentes ambientes.

É facilmente perceptível que o brasileiro tem no seu DNA uma carga muito potente de oralidade que propocionam incontáveis relações sociais e vice-versa, reuniões sociais que provocam o uso abundante da oralidade etc. Algo muito corriqueiro no Brasil é o falatório nos intervalos das aulas escolares (em todos os níveis), nos shows, nos estádios de futebol, nas filas de banco e de colégios eleitorais, nas feiras livres e, por que não também nos velórios.

Ao fazer uma análise do oral-escrito Pedro Benjamin Garcia (2010, p. 71) afirma que: “[...] as pessoas originárias do Nordeste tratavam as histórias passadas em áreas rural e urbana. Na área rural, o mágico, a oralidade; na área urbana, a escrita, a racionalidade”. Aqui não nos interessa apontar a disputa que há entre uma forma de comunicação com a outra, pelo contrário, enfatizar por exemplo, o

cordelista como portador de literatura que imprimem seus textos para vender, mas não deixam de declamá-los em diferentes ambientes; em especial hoje com tamanha expansão e proliferação das redes e mídias sociais digitais.

A emissão da voz pode ocorrer de duas maneiras presencialmente, com se diz no francês *tête-à-tête* ou de forma mediatizada. Face a face é a forma mais tradicional que desde os tempos remotos acontecia em torno de uma fogueira ou fogão de lenha e na atualidade em rodas de conversas ou no aconchego do lar. Segundo Arantes (2014, p.87) a oralidade mediatizada é aquela que ocorre por meio da voz que é “[...] revelada, manifestada e externada por meio das tecnologias midiáticas”.

Tecnologias que estão sendo expandidas exponencialmente e que potencializam a propagação da voz, criam novos ambientes que podem levar a CI a investigar os fenômenos informacionais, por exemplo, no *YouTube, Facebook, Instagram, TikTok, WhatsApp, Twitter, podcast* entre outros, criando um ambiência denominada por Bortolin (2010) como ‘oralisfera’, palavras que tem origem na somatória da palavra *oralis*, que provém do latim *oris* = boca, somada à palavra *sfera*, do grego *sphaira* que pode ser traduzida como - camada, espaço, envoltório ou ambiente e que é um conceito-base para o referido Projeto. Sendo um envoltório ambiental tecido no momento da mediação com a participação tanto do leitor-narrador, quanto do leitor-ouvinte, concretizando a presença de ambos

A inspiração veio da palavra atmosfera, que é o envoltório gasoso existente em nosso planeta. Envoltório este que precisa ser ‘orquestrado’ por um mediador consciente de seu papel de interferência nos diversos grupos sociais. Em sua tese de Doutorado Bortolin (2010, p.137) definiu mediação oral da literatura como “[...] toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de textos literários seja por meio da voz viva ou da voz mediatizada”.

Na tese a autora se dedicou à mediação da literatura, mas extrapolando os limites da informação literária para os demais gêneros de informação, constatamos com facilidade que o movimento de inovação nos serviços hoje implantados em bibliotecas, confirmam a ideia da necessidade de criação dessa esfera oral capaz de alcançar leitores em qualquer ambiência informacional. Porém, sem deixar de atender as peculiaridades dos diversificados grupos, pois para Walty (2012, p.21):

Numa sociedade em que ainda há grupos ágrafos e grande número de analfabetos, simultaneamente ao reinado dos computadores, em um momento em que o mundo se curva ao poder da imagem e da realidade virtual, vale examinar qual seria o lugar ocupado pelo discurso oral nesse processo, em suas relações com outras formas de discurso.

Ainda é necessário realizar um esforço contínuo para investigar essa temática, pois consideramos que, em virtude da atenção majoritária em torno do escrito, não é confortável a sensação de quase-solidão ao persistir na realização de pesquisas sobre a presença da oralidade nas diferentes mediações. No entanto, nossos esforços se unem e se integram a outras iniciativas de pesquisas que têm como foco a oralidade e a mediação oral no contexto da CI. Algumas das principais repercussões desenvolvidas pelos membros do Grupo 'Interfaces: Informação e Conhecimento', a partir de 2010, são a seguir indicadas.

4 A composição do Grupo e Principais Produções científicas

O Grupo de Pesquisa 'Interfaces', desde a sua formação em 2001, foi composto por docentes (da Universidade Estadual de Londrina e de outras Instituições), discentes de todos os níveis: graduação, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado, bibliotecários e técnicos administrativos. Nossas reuniões foram desenvolvidas nas instalações do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), mais especificamente, no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Desde que o Grupo esteve sob nossa coordenação, orientamos projetos de iniciação científica; Trabalho de Conclusão de Curso; monografias do Curso de Especialização de Gestão de Biblioteca Escolar; dissertações de mestrado e tese. Nesse período também supervisionamos um estágio pós-doutoral.

Quanto aos eventos científicos promovidos pelo Grupo destacamos o evento nacional denominado de Encontro de Pesquisa Informação e Mediação (EPIM), sendo realizado em quatro edições: duas presencialmente e duas *online*. O I EPIM aconteceu em Londrina no Paraná em 2014, o II em Marília, São Paulo em 2015. O III e IV EPIM, que ocorreram respectivamente em 2021 e 2022, em formato online em virtude da pandemia, utilizamos a plataforma do *YouTube* e *Google Meet*. Vale destacar que as instituições promotoras desse evento são a UEL e a Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp/Marília), no entanto, na IV edição a Universidade Federal do Pará (UFPA) tornou-se uma fundamental parceira.

Quanto às publicações científicas realizadas pelo Grupo, essas foram diversificadas, sendo: organização de livros; capítulos de livros; artigos de periódicos, publicações em anais de eventos. Devido ao recorte dessa comunicação e o número de laudas disponível, listamos a seguir apenas produções realizadas pelos membros Grupo que tenham os termos 'oral', 'orais', 'oralidade' e 'oralisfera' em seu título, a partir de 2010.

Quadro 1 – Publicações do Grupo Interfaces no período de 2010 a 2022

Livros organizados, revistos e reeditados	Capítulos de livros	Artigos publicados em periódicos	Artigos apresentados em eventos
<p>BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J.A.; SILVA, R.J. da. <i>Mediação Oral da Informação e da Leitura</i>. Londrina: Abecin, 2015. 278p.</p>	<p>BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O.F. de. <i>Mediação oral literária: algumas palavras</i>. In: VALENTIM, M. <i>Gestão, Mediação e Uso da Informação</i>. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.85-104. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/j4gkh/pdf/valentim-9788579831171.pdf</p>	<p>ARANTES, F. M.; LOPES, F.C.; BARTALO, L; BORTOLIN, S.; ARAÚJO, C. A. A. O comportamento informacional nos canais informais de comunicação por meio da oralidade. <i>Encontros Bibli (UFSC)</i>, Florianópolis, v.18, n.7, p. 265-282, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p265.</p>	<p>BORTOLIN, S.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. <i>Mediação Oral Literária</i>. In: WORKSHOP EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, 2., 2010. Londrina – PR. Anais... Londrina – Pr: UEL, 2010.</p>
<p>SILVA, R. J. da; BORTOLIN, S. (Orgs.). <i>Fazeres cotidianos na biblioteca escolar</i>. 2.ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. 170p. https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/212/187.</p>	<p>SENHORINI, M.; BORTOLIN, S. <i>Bebeteca: um espaço de mediação oral da literatura</i>. In: BARBALHO, C. R. S.; SILVA, R. J. da; GOMES, S. H. T.; BORTOLIN, S. (org.). <i>Espaços e ambientes para leitura e informação</i>. Londrina: Abecin, 2012. p.131-155.</p>	<p>BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. <i>Oralidade e ética na mediação da literatura</i>. <i>Informação & Informação</i>, Londrina, v. 19, n.2, p. 171-190, 2014. https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/13902.</p>	<p>BORTOLIN, S.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. <i>Mediação Oral Literária: a voz do bibliotecário lendo ou narrando</i>. In: REUNIÃO DA LINHA DE PESQUISA "GESTÃO, MEDIAÇÃO E USO DA INFORMAÇÃO", 2., 2010, Marília - SP. Anais... Marília - SP: Unesp, 2011.</p>
<p>BARBALHO, C. R. S.; SILVA, R. J. da; GOMES, S. H. T.; BORTOLIN, S. (orgs.). <i>Espaços e ambientes para leitura e informação</i>. 2.ed. São Paulo: Abecin Editora, 2020. 340p.</p>	<p>REIS, M.B.R.; BORTOLIN, S. <i>Ambiência para narrativas orais</i>. In: BARBALHO, C. R. S.; SILVA, R. J. da; GOMES, S. H. T.; BORTOLIN, S. (org.). <i>Espaços e ambientes para leitura e</i></p>	<p>TERCIOTTI, M. J. S. de A.; BORTOLIN, S. <i>Fontes orais de informação como recurso de ensino e aprendizagem</i>. <i>Informação@Profissões</i>, Londrina, v. 6, p. 90-109, 2017. https://ojs.uel.br/revistas</p>	<p>BORTOLIN, S.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. <i>Mediação Oral da Literatura e a Estética da Recepção</i>. In: EDICIC, 9., 2011, Marília - SP. Anais... Marília - SP: Unesp, 2011.</p>

	informação. São Paulo: Abecin, 2012. p.57-92.	/uel/index.php/infoprof/article/view/29183 .	
SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O.F. de; BORTOLIN, S. Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação. São Paulo: Abecin, 2020. 589p. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/226 .	ARANTES, F. M. Oralidade midiaticizada e mediatização In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J.A.; SILVA, R.J. da (org.). Mediação Oral da Informação e da Leitura. Londrina: Abecin, 2015. p.185-204.	FERNANDES, O.B.R.; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. da. Mediação de histórias em quadrinhos nos canais informais de comunicação por meio da oralidade. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v.18, n.2, 2022. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1839 .	BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Memória de uma bibliotecária-personagem e a Mediação Oral da Literatura. In: SECIN, 4., 2011, Londrina - Pr. Anais... Londrina: UEL, 2011.
	CARRELI, A. E.; ARAUJO, L. M.; SANTANA, P. C.; BORTOLIN, S. Alfabetização científica por meio da mediação oral: uma análise da Revista Ciência Hoje das Crianças. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J.A.; SILVA, R. J. da. Mediação Oral da Informação e da Leitura. Londrina: Abecin, 2015. p.153-183.		ARANTES, F. M.; BORTOLIN, S. Compartilhe! A mediatização na rede social online por meio da oralidade. In: ENANCIB, 14., 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANCIB, 2013.
	BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O.F. de. Fontes orais, Paul Otlet e os bibliotecários. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J.A.; SILVA, R.J. da. Mediação Oral da Informação e da Leitura. Londrina: Abecin, 2015. p.59-88.		BORTOLIN, S.; FARINA, T. F.; RIBEIRO, R. A. A mediação oral da literatura na web: a voz dos contadores de histórias brasileiros. In: WORKSHOP DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 2013, Londrina- Pr. Anais.... Londrina: UEL, 2013.
	BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. Mediação Oral da Informação: a visibilidade dos mediadores da Ci. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J.A.; SILVA, R.J. da. Mediação Oral da		SANTOS, M.C.F.; SANTANA, P.C. da. O compartilhamento da informação: a oralidade, a escrita e as novas tecnologias. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 16.; SIMPOSIO DE PESQUISA

	Informação e da Leitura. Londrina: Abecin, 2015. p.33-58.		E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 6., 2015, Londrina- Pr. Anais... Londrina: UEL, 2015.
	SANTOS NETO, J.A. Biblioteca escolar e as fonts orais de informação. In: SILVA, R. J. da; BORTOLIN, S. (Orgs.). Fazeres cotidianos na biblioteca escolar. 2.ed. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. p.141-163. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/212/187 .		BORTOLIN, S.; CAVALCANTE, L. B.; SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. Oralidade, Mediação da Informação e da Literatura na escola. In: ENANCIB, 16., 2015, João Pessoa - PB. Anais... João Pessoa: UFPB, 2015.
	SENHORINI, M.; BORTOLIN, S. Bebeteca: um espaço de mediação oral da literatura. In: BARBALHO, C. R. S.; SILVA, R. J. da; GOMES, S. H. T.; BORTOLIN, S. (orgs.). Espaços e ambientes para leitura e informação. 2.ed. São Paulo: Abecin Editora, 2020. p.245-275 Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/issue/view/31 .		ARANTES, F. M.; BORTOLIN, S. Uso da oralidade na mediatização dos websites de bibliotecas públicas. In: COAIC, 1., 2016, Londrina - Pr. Anais... Londrina - Pr: UEL, 2016.
	REIS, M.B.R.; BORTOLIN, S. Ambiência para narrativas orais. In: BARBALHO, C. R. S.; SILVA, R. J. da; GOMES, S. H. T.; BORTOLIN, S. (orgs.). Espaços e ambientes para leitura e informação. 2.ed. São Paulo: Abecin Editora, 2020. p.201-244. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/issue/view/31 .		ARANTES, F. M.; BORTOLIN, S. Oralidade midiatizada na mediatização da informação. In: COAIC, 3., 2018, Londrina - Pr. Anais... Londrina: UEL, 2018.
	COSTA, A. C. C.; BORTOLIN, S. Mediação oral da		COSTA, A. C. C.; BORTOLIN, S. Mediação oral da

	<p>literatura para bebês. In: SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O.F. de; BORTOLIN, S. Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação. São Paulo: Abecin Editora, 2020. p.477-495. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/226.</p>		<p>literatura para bebês. In: SECIN, 8., 2019, Londrina - Pr. Anais... Londrina: UEL, 2019.</p> <p>TRICHES, M. C.; BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. Mediação oral da informação e oralidade mediatizada em podcasts. In: COAIC, 6., 2022, Londrina - Pr. Anais... Londrina - Pr: UEL, 2022.</p>
	<p>BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. Mediação oral da informação e da literatura em ambiente digital. In: SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O.F. de; BORTOLIN, S. Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação. São Paulo: Abecin, 2020. p.496-521. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/226.</p>		
	<p>SANTOS NETO, J. A.; HEITZMANN, P.Z.; BORTOLIN, S. Mediação oral da informação em podcasts da Ciência da Informação e Biblioteconomia. In: SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O.F. de; BORTOLIN, S. Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação. São Paulo: Abecin, 2020. p.522-550. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/226.</p>		

Fonte: Elaborado pelas autorias, 2022.

Destacamos também algumas disseminações nas redes sociais, quando tivemos a oportunidade de provocar reflexões quanto a temática Oralidade:

- 'Mediação da Leitura e da Literatura Oral'. 2017. (Palestra virtual) - Reunião Grupo de Extensão: Projeto Lapidar, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- 'Oralidade, mediação literária e memórias afetivas' em 2021 (*live*) no Canal Experiências literárias, do Prof. Dr. Wagner Dias.
- 'Oralisfera e narrativas literárias: o que eu tenho para lhe contar'. 2020 (Palestra virtual) - Reunião Grupo de Extensão Projeto Lapidar da UFBA, Profa. Dra. Raquel do Rosário Santos.
- 'Mediação oral da informação e da literatura'. 2021. (Palestra virtual) Disciplina Atividade Curricular de Extensão – Prof. Dr. Marcos Aparecido Rodrigues do Prado e Profa. Dra. Robéria de Lourdes de Vasconcelos Andrade. Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
- 'Mediação oral: no sofá da sala com três Paulos' (*live*). 2022. Grupo de Pesquisa Competência e Mediação em Ambientes de Informação (CMAI) da Universidade Federal de Ceará (UFC). Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias.

No decorrer dos anos de existência do Grupo colaboramos com outros Projetos de Pesquisa da UEL, sendo eles: 'Metacognição e motivação para aprender e sua relação com a formação de habilidades para a competência em informação', coordenado pela Profa. Dra. Adriana Rosecler Alcará, do Departamento de Ciência da Informação, no período de 2017-2019. No Departamento de Educação participamos do Projeto de Pesquisa 'Biblioteca no Ensino Fundamental de escolas públicas de Londrina: mediação pedagógica da leitura e informação' (2015-2018) e do Projeto de Extensão 'Formação do mediador de leitura da Rede Pública de Educação' (2012-2020) sob a coordenação do Prof. Dr. Rovilson José da Silva.

Também no sentido colaborativo compusemos bancas de avaliação de todos os níveis graduação, especialização, mestrado (profissional e acadêmico), doutorado (profissional e acadêmico) na área de Ciência da Informação e Educação em instituições como: UEL, Unesp/Marília, UFBA, UFC, UFAL, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),

Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Visando ampliar o conhecimento científico dos docentes, discentes e profissionais que participaram no Grupo, realizamos visitas e viagens técnico-culturais em instituições de ensino, bibliotecas, arquivos, centros culturais, museus etc. em cidades do Paraná e São Paulo.

Em nível nacional colaboramos com a Rede Mediar, rede esta que vem colocando em evidência projetos de formação de leitores e mediação de leitura. Na Rede, além de idealizar o projeto 'Livroterapia', realizamos entrevistas com diversos mediadores brasileiros (<https://redemediar.wordpress.com/>).

Atualmente fazemos parte da Rede Nacional de Leitura Inclusiva (no Paraná) sob a iniciativa da 'Fundação Dorina Nowill para Cegos', que objetiva aglutinar e realizar ações acessíveis na área do livro, leitura, literatura e biblioteca. No dia 22 de agosto de 2022, durante o IX Seminário em Ciência da Informação (SECIN) realizado pelo Departamento de Ciência da Informação da UEL, promovemos a 'Oficina de Leitura Acessível e Inclusiva' com diferentes mediadores de Londrina e região.

5 Outras Considerações

As questões elencadas na Introdução desse artigo orbitaram em temáticas como: privilégios de um leitor em detrimento do outro, sobre a biblioteca como espaço democrático de informação e inclusão do cidadão que não domina a escrita ou opta por ler por meio da oralidade. Esses aspectos precisam fazer parte das discussões e fazeres cotidianos da pessoa bibliotecária. Não apenas como uma forma de desempenho positivo da profissão, mas como um ato significativo para a anulação do prejuízo social causado ao se privilegiar cidadãos, por exemplo, alfabetizados, sem deficiência ou os que leem só o escrito; deixando os cidadãos que desejam ou só podem ler de outra forma à mercê da própria sorte.

Se a pessoa bibliotecária discrimina alguns leitores, acaba por deixar de contribuir com os que dependem de 'outrem' para ter acesso a diferentes textos, isto é, portanto a biblioteca não pode ter acervo que se compõe apenas de textos impressos. O não empenho desse profissional limita o acesso à informação,

leitura e cultura, tendendo a potencializar, no nosso país, uma postura já existente que é excludente, elitizada e injusta.

Talvez a pessoa bibliotecária não tenha a dimensão da imprescindibilidade da partilhar textos orais. Para tanto, é necessário compreendermos os novos modos de leitura, pois na atualidade indubitavelmente não somos os mesmos leitores. Somos produtores de textos escritos e de postagens de voz. Os blogs, os sites, os jornais digitais, periódicos científicos⁵ estão em um processo híbrido e neles há uma mistura de escrita e voz. Esse movimento que se expande além da escrita acaba por descentralizar o acesso à informação e, mesmo que tardiamente, começa a se voltar para diferentes sujeitos, que por muito tempo estiveram alijados de se apropriar da informação e da cultura de forma autônoma. Ou daqueles que gostam de aprender, se divertir e se relacionar com os textos proferidos oralmente.

Se não somos os mesmos leitores, também não somos os mesmos mediadores que éramos e isso exige que o bibliotecário ressignifique a biblioteca. Não podemos fazer *vistas grossas* quanto ao poder das tecnologias no cotidiano do cidadão, pois cada vez mais produtos, contendo narrativas orais com vozes mediatizadas, têm sido colocados no mercado.

Se não somos os mesmos leitores e nem os mesmos mediadores, as bibliotecas também não são as mesmas! Então como devem ser as bibliotecas na atualidade? Acreditamos que uma das respostas está no conceito de bibliotecas humana (*human library*)⁶ onde você poderá pegar emprestado uma pessoa e ouvir as suas narrativas.

Afinal associar oralidade aos estereótipos primitivos é preconceito e desconhecimento da potência da voz na mediação, na aprendizagem e na apropriação da informação, da cultura e da literatura. Para finalizar, como todo texto científico é um processo inacabado, apresentamos a seguir algumas indagações: Quem são os praticantes da voz? Quem são os partilhadores de textos? A pessoa bibliotecária tem responsabilidade nas partilhas orais? Deixaremos a resposta para você leitor

⁵ Exemplo: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RDBCI), Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde (RECIIS).

⁶ <https://humanlibrary.org/>

Referências

ARANTES, Fernanda Mecking. **Uso da oralidade na mediatização dos websites de bibliotecas públicas**. Londrina, 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Londrina, 2014. Disponível em: https://maringacultura.maringa.pr.gov.br/files/agent/14/arantes_fernanda_m_me_2014.pdf. Acesso em: 8 abr. 2023.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; THOMAZ, Alice Ângela. Práticas reformistas na educação brasileira: a contribuição dos irmãos Gildásio e Gilson Amado. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.46, p. 264-277, jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640085>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103349/bortolin_s_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 8 abr. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Governo Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 ago. 2022.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p.125-155.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Pedro Benjamin. Literatura e identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura. **Leitura**: teoria e prática, v. 27, n. 54, p. 65-73, 2010. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/89/86>. Acesso em: 8 abr. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

OTLET, Paul. **Traité de documentation le livre sur le livre**; théorie et pratique. Bruxelles: Editions Mundaneum, 1934.

OTLET, Paul. **Traité de documentation le livre sur le livre**; théorie et pratique Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018. Disponível em:
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32627/1/LIVRO_TratadoDeDocumenta%C3%A7%C3%A3o.pdf

RABELLO, Rodrigo. A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da informação. 2009. 331 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2009. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/11449/103372>. Acesso em: 8 abr. 2023.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Textualidade e territorialidade no discurso oral. In: LEITE, Eudes Fernando Leite; FERNANDES, Frederico. (orgs.). **Trânsitos da voz**: estudos de oralidade e literatura. Londrina: EDUEL, 2012. p.21-43.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Sobre as Autorias

Sueli Bortolin

Doutora e Mestra em Ciência da Informação, pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP/Marília). Especialista em Contação de Histórias, pelo Centro Universitário Filadelfia (UNIFIL). Bacharela em Biblioteconomia, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora Titular da UEL. Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento.

suelibortolin@gmail.com

João Arlindo dos Santos Neto

Doutor e Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP/Marília). Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor da Faculdade de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Pará (PPGCI/UFPA). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Líder do Grupo de Pesquisa Informação, Sociedade e Cidadania, da UFPA e do Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento, da UEL.

santosneto@ufpa.br

Artigo submetido em: 21 out. 2022.

Aceito em: 21 mar. 2023.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.